

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Flaskepost Fra P*

Autor: *Jussi Adler-Olsen*

Copyright © JP/Politikens Forlagshus A/S, København 2009

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *João Bouza da Costa*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Imagem da capa: © *Shutterstock*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 443 293/18

1.ª edição, Lisboa, agosto, 2018

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à  
EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

## PRÓLOGO

Era o início do terceiro dia e, entretanto, o cheiro a petróleo e algas já se tinha entranhado nas suas roupas. Por baixo das tábuas do chão da cabana, o gelo granulado ia e vinha, embatendo contra as estacas. Memórias despertavam, de dias em que ainda estava tudo bem.

Ele ergueu o tronco do amontoado de papéis velhos e inclinou-se para a frente, de modo a conseguir ver a cara do seu irmão mais novo. Mesmo quando dormia, continuava com aquela expressão gelada e atormentada.

Em breve iria acordar e olhar em seu redor com um ar confuso. Logo a seguir iria sentir as tiras de couro apertadas firmemente em torno dos pulsos e do tronco e iria ouvir o tinir da corrente que o prendia. Através das ranhuras, por entre as tábuas alcatroadas, iria ver como a luz do dia e a neve batalhavam para chegar até eles. Depois começaria a rezar.

Já tinha visto vezes sem conta o desespero a tremeluzir no olhar do irmão. Meio sufocado pela mordaca da fita adesiva, voltava sempre a gemer pelo perdão de Jeová.

Mas eles nem sequer eram dignos do olhar de Jeová, isso ambos o sabiam, pois tinham bebido do sangue. Do sangue que o sequestrador tinha gotejado para dentro dos seus copos de água. E que em seguida os obrigara a beber. Só depois é que lhes dissera que o tinham bebido: água com o sangue interdito. Estavam agora condenados para toda a eternidade. Desde então, a vergonha ardia ainda mais do que a sede dentro deles.

«O que achas que ele vai fazer connosco?», perguntaram os olhos assustados do seu irmão. Mas como é que ele podia saber? Instintivamente, sentia que tudo terminaria em breve.

Recostou-se e os seus olhos percorreram uma vez mais todo o espaço na penumbra. O seu olhar percorreu as vigas e as inúmeras teias de aranha. Memorizou todos os cantos e esquinas e todos os nós dos ramos. Registou os remos e lemes podres que se acumulavam por detrás das vigas, a rede de pesca putrefacta que há muito fizera a sua última captura.

Depois o seu olhar deteve-se na garrafa atrás dele. Um raio de sol deslizou sobre o vidro azulado e fez com que brilhasse.

Estava tão perto e, no entanto, era tão difícil chegar a ela. Estava presa entre as tábuas toscas do chão.

Enfiou os dedos por entre as tábuas e tentou alcançar o gargalo. Tinha as mãos geladas, hirtas de tanto frio. Se conseguisse soltar a garrafa iria parti-la e com os estilhaços de vidro cortaria as tiras de couro que lhe prendiam os pulsos. Mal estas se rasgassem, as suas mãos dormentes poderiam abrir a fivela nas costas, arrancar a fita adesiva da boca e libertá-lo das correias que lhe cingiam o tronco e as coxas. E assim que a corrente que segurava as tiras de couro já não o prendesse, correria para libertar o seu irmão mais novo. Puxá-lo para si e abraçá-lo, até que os seus dois corpos deixassem de tremer.

Em seguida, reuniria todas as suas forças para trabalhar a madeira à volta da porta com o estilhaço de vidro. Tentaria escavar a madeira à volta das dobradiças. E se acontecesse o pior dos cenários e o carro chegasse antes que ele pudesse terminar, esperaria pelo homem atrás da porta. Ficaria à sua espera, à espreita, por detrás da porta, com o gargalo da garrafa partida. Sim, seria isso que faria.

Inclinou-se para a frente, dobrou as mãos geladas nas costas e pediu perdão pelos seus pensamentos maldosos.

Mas depois continuou a arranhar e a raspar, para libertar a garrafa. Arranhou e raspou até que, por fim, a garrafa se soltou até ficar numa posição que lhe permitiu agarrar o gargalo.

Escutou com atenção.

Aquilo era um motor? Sim, claramente. Soava como um motor potente de um carro grande. Mas o carro estava a aproximar-se ou estaria apenas de passagem lá em cima?

O roncar aumentou e ele começou a puxar tão febrilmente pelo gargalo que as articulações dos seus dedos estalaram. A seguir, o ruído diminuiu. Seriam cata-ventos aquilo que ele ouvia lá fora a rumorejar e a murmurar?

O ar quente da sua respiração formava nuvens de vapor à frente da sua cara. De momento nem sequer estava receoso. O pensamento em Jeová e na dádiva da sua misericórdia davam-lhe alento. Cerrou os dentes e continuou.

Quando, finalmente, conseguiu soltar a garrafa, bateu-a com tanta força contra as tábuas, que o seu irmão levantou subitamente a cabeça, olhando em redor com um ar assustado.

Voltou a bater com a garrafa nas tábuas uma e outra vez. Mas com as mãos presas atrás das costas simplesmente não conseguia tomar balanço suficiente. E quando os seus dedos perderam toda a força, deixou cair a garrafa, virou a cabeça o mais que pôde para trás e fitou a garrafa com um olhar vazio.

Ficou a ver o pó cair das vigas do telhado. Simplesmente não conseguia partir a maldita garrafa. Aquela garrafinha ridícula. Mas não dava. Porquê? Porque tinha bebido do sangue proibido? Fora por isso que Jeová os abandonara?

Olhou na direção do irmão, que se tinha enrolado na manta e se deixava cair lentamente para cima da cama improvisada. Não dizia uma palavra, o seu irmão. Nem sequer tentava murmurar algo por detrás da fita adesiva.

Demorou bastante tempo até conseguir reunir tudo o que precisava. O mais difícil foi conseguir esticar-se, mesmo assim amarrado, de modo a conseguir chegar com as pontas dos dedos ao alcatrão que calafetava as tábuas do telhado. Tudo o resto encontrava-se ao seu alcance: a garrafa, a farpa de madeira da tábua e o papel em cima do qual estava sentado.

Descalçou um sapato, colocou uma mão por cima do couro e espetou a farpa no pulso. As lágrimas vieram-lhe aos olhos. Deixou que o sangue gotejasse para dentro do sapato durante um ou dois minutos. Depois arrancou um grande pedaço de papel da pilha, embebeu a farpa no sangue, torceu o corpo e puxou pela corrente, de um modo que lhe permitia ver o que escrevia por detrás das costas. Era difícil, escrever naquela posição, mas relatou o melhor que pôde o que os afligia. No fim assinou, enrolou o papel e introduziu-o na garrafa.

Calmamente, pressionou o pedaço de alcatrão até ao fundo do gargalo. Sacudiu-o várias vezes e verificou repetidamente, para ver se estava tudo vedado.

Logo depois de ter terminado voltou a ouvir o som de um motor. Desta vez não havia dúvidas. Durante um segundo terrivelmente longo olhou para o seu irmão, depois esticou-se com todas as suas forças na direção da luz que entrava por uma fenda larga na parede — a única abertura através da qual podia enfiar a garrafa.

A porta abriu-se e uma sombra enorme surgiu numa nuvem de flocos de neve brancos.

Silêncio.

Depois o som de algo a chocalhar na água.

A garrafa estava livre.

# 1

Carl já tinha acordado em melhores condições.

Primeiro registou o refluxo de ácido no esófago. Abriu os olhos, à procura de algo que pudesse acalmar aquela sensação de desconforto. Foi então que descobriu na almofada ao seu lado o rosto de uma mulher, com um fio de saliva ao canto da boca e a maquilhagem toda esborratada.

*Ai merda, pensou, era a Sysser.* Tentou desesperadamente lembrar-se do que tinha andado a aprontar na noite anterior. Tinha logo que ser a Sysser. A sua vizinha, que fumava que nem uma chaminé. A desbocada e quase reformada maria-vai-com-todos da Câmara Municipal de Allerød.

Veio-lhe então um pensamento terrível e levantou muito lentamente o cobertor. Aliviado, verificou que, ao menos, ainda tinha as cuecas vestidas.

— Porra — gemeu, e afastou a mão magra da Sysser do seu peito. Já não tinha dores de cabeça assim desde que Vigga saíra de casa.

— Por favor, não quero detalhes — disse ele quando viu Morten e Jesper, lá em baixo, na cozinha. — Digam-me simplesmente o que é que aquela mulher está a fazer lá em cima, com a cabeça em cima da minha almofada.

— Ei, aquela tipa pesa uma tonelada — interrompeu-o o seu filho adotivo, e abriu uma embalagem de sumo de laranja que levou à boca. Nem Nostradamus seria capaz de prever o dia em que Jesper aprenderia a beber de um copo.

— Pois, desculpa lá, Carl — disse Morten. — Mas é que ela não conseguia encontrar as chaves e como tu já estavas *knockout*, pensei que...

— Foi a última vez que participei num churrasco de Morten — jurou Carl a si próprio, e lançou um olhar pela sala de estar, na direção da cama de Hardy.

Já não se sentia à vontade em casa, desde que há catorze dias tinham instalado o seu ex-colega nos seus aposentos. Não pelo facto de a cama de hospital ocupar um quarto da área da sala de estar e obstruir a vista para o quintal, nem por causa dos suportes com vários sacos que incomodavam Carl, ou pelos gases desagradáveis que emanavam do corpo paralisado do amigo — nada disso era a razão. Não, era a consciência constantemente pesada que tinha mudado tudo. O facto de que as suas pernas continuavam a cumprir o seu objetivo e que ele podia fugir dali quando bem o entendesse. E à consciência pesada juntava-se o sentimento de ter que o compensar por algo. Estar lá para o Hardy. Fazer algo por aquele homem paralisado.

— Vamos lá com calma — antecipara-se Hardy quando, há uns meses, tinham discutido incessantemente os prós e contras da sua transferência da clínica para lesões da espinal medula em Hornbæk, para a sua casa. — Aqui em cima passa nas calmas uma semana sem que eu te veja. Não achas que posso prescindir da tua atenção durante algumas horas, se for viver contigo?

Mas o que se passava era que Hardy nunca deixava de estar presente, mesmo quando dormitava silenciosamente, como agora. Fisicamente. Nos seus pensamentos. No planeamento do dia. Em todas as palavras que de repente tinham que ser pensadas com mais cuidado. Era cansativo. E estar em casa não devia ser cansativo, porra.

A isto juntavam-se todos os detalhes práticos. Lavar a roupa, mudar os lençóis, debater-se com o corpo enorme de Hardy. As compras, o contacto com as enfermeiras e as diversas instituições. Cozinhar. Enfim, a maior parte das coisas eram tratadas pelo Morten. Mas não deixava de sobrar sempre algo para ele.

— Dormiste bem, campeão? — perguntou cautelosamente quando se aproximou do acampamento de Hardy.

O seu ex-colega abriu os olhos e tentou sorrir.

— Pois, é assim mesmo, Carl, acabaram-se as férias, o trabalho está à espera. As últimas duas semanas passaram a correr. Mas Morten e eu damos conta do recado. O mais importante é não te esqueceres de mandar um abraço meu ao pessoal, OK?

Carl anuiu. Tinha que ser mesmo difícil para Hardy, terrivelmente difícil. Se ao menos fosse possível trocar um dia com ele.

Apenas um dia, para Hardy.

Além dos que estavam de guarda na casota, Carl não viu viva alma. O pátio da sede parecia ter sido completamente varrido e a fachada pintada de cores inverniais e hostis.

— Mas que raio é que se passa aqui? — gritou quando, pouco depois, atravessou o corredor da cave.

Tinha esperado uma recepção barulhenta, o cheiro a menta do chá de Assad ou pelo menos a Rose a assobiar uma versão dos grandes clássicos. Mas ali em baixo também estava tudo morto. Teria toda a gente abandonado o barco durante os catorze dias que tirara de férias para a mudança de Hardy?

Entrou no cubículo de Assad e olhou à sua volta, irritado.

Não havia fotografias de tias velhas, nem tapete de oração, nem latas com biscoitos pegajosos. Até as lâmpadas néon do teto estavam desligadas.

Atravessou o corredor e ligou a luz do seu gabinete. A sua coutada privada e porto seguro, onde nem sequer a proibição de fumar tinha ainda chegado. O sítio, onde ele, afinal de contas, tinha já resolvido três casos — e apenas desistido de dois. Onde todos os antigos casos, do campo de atividade do Departamento Especial Q se encontravam organizados de forma bem lógica, em esbeltos dossiês dispostos em cima da sua secretária e ordenados de acordo com o seu infalível sistema.

Parou abruptamente. A secretária perfeitamente polida estava irreconhecível. Não se via uma partícula de pó. Nem uma folha A4, escrevinhada de alto a baixo, em cima da qual se pudesse descansar as pernas fatigadas, para, de seguida, a amarrotar e atirar para o lixo. Em suma: tinham varrido tudo.

— Rose! — gritou com toda a ênfase que conseguiu transmitir.

Mas a sua voz perdeu-se pelas divisões da cave.

Sentiu-se como o último dos moicanos, o Kevin do *Sozinho em Casa*, o galo sem capoeira. O rei, que por um cavalo ofereceria o seu reino.

Pegou no telefone e marcou o número de Lis, lá em cima, na Divisão de Homicídios.

Passados vinte e cinco segundos alguém atendeu.

— Departamento A, secretaria — ouviu a voz de Sørensen dizer. Talvez a criatura mais hostil entre todos os colegas.

— Sørensen — murmurou. — Fala Carl Mørck. Estou aqui em baixo, completamente abandonado. O que se passa? Por acaso sabe dizer-me onde estão o Assad e a Rose?

Nem passara ainda um milissegundo e já a grande vaca tinha desligado.

Levantou-se e dirigiu-se aos domínios de Rose, um pouco mais à frente no corredor. Talvez os ficheiros desaparecidos estivessem lá. Quando entrou no seu gabinete quase que teve um enfarte: de facto, os documentos saltaram-lhe logo à vista — não sob a forma de uma pilha de dossiês mas, basicamente, como papel de forrar paredes. Pelo menos dez painéis de tecido cobriam a parede entre os gabinetes de Rose e de Assad, e esses painéis estavam completamente forrados com todos os casos que catorze dias atrás ainda se encontravam arrumadinhos em cima da sua secretária.

Um escadote de madeira de larício amarelada revelava o sítio onde tinha sido afixado o último caso. Era o segundo caso, do qual tinham desistido. O segundo consecutivo dos casos não resolvidos.

Carl recuou um passo para ter uma ideia global daquele inferno de papelada. Mas que diabo é que os seus casos estavam a fazer nesta parede? Teriam Rose e Assad perdido mesmo o juízo por completo? Fora por isso que se tinham desmaterializado?

Cambada de cobardes.

O segundo andar não estava diferente. Nem uma alma solitária. Até o lugar de Sørensen, atrás do balcão, estava vazio. O gabinete do chefe, o do seu substituto, o cantinho do café, a sala de conferências: nada.

Mas que raio é que se estava a passar ali? Teria havido um alarme de bomba? A reforma da polícia teria, entretanto, ido tão longe que tinham chutado o pessoal para o olho da rua, para depois vender os edifícios pela melhor oferta? O novo ministro da Justiça teria cometido um massacre, enlouquecido com um *amok*?

Coçou a nuca, pegou no telefone e ligou ao guarda.

— Fala Carl Mørck. Para onde diabo é que desapareceram os colegas?

— Muitos deles estão na parada.

— Na parada? Mas porquê? Que eu saiba, nós homenageamos o internamento da polícia dinamarquesa no dia 19 de setembro.<sup>1</sup> Ainda falta meio ano. O que é que estão todos a fazer lá?

— A diretora-geral da polícia quer esclarecer as alterações da reforma a algumas divisões. Desculpa lá, Carl, mas nós pensávamos que tu sabias.

— Sim, mas acabei de falar com a Sørensen, ela não me disse nada.

Carl abanou a cabeça. Era de loucos. Era só o tempo de chegar até lá abaixo e de certeza que o Ministério da Justiça já tinha voltado a alterar aquela porra toda.

Ficou espedado a olhar para a poltrona do chefe da Divisão de Homicídios. Pareceu-lhe tentadoramente macia. Ali, pelo menos, dava para fechar os olhos sem espetadores.

Acordou dez minutos depois. Lars Bjørn, o vice-superintendente da Divisão de Homicídios, tinha-lhe pousado a mão no ombro. Os olhos esbugalhados de Assad riam-se a uma distância de dez centímetros da sua cara.

Era o fim da sua paz, definitivamente.

— Anda, Assad — disse, e levantou-se da poltrona. — Vamos para a cave e tiramos num instantinho os papéis da parede, está bem? Mas onde é que está a Rose?

Assad abanou a cabeça.

— Não vai dar, Carl.

Carl enfiou a camisa nas calças. Porra, o que é que aquele gajo estava ali a dizer? Claro que dava. Então não era ele quem tomava as decisões?

— Vá, toca a andar. E traz a Rose. AGORA!

— A cave encontra-se interdita, com efeito imediato — instruiu-o Lars Bjørn.

— Está a libertar-se amianto do isolamento dos canos. Apareceu a inspeção. É essa a situação.

Assad confirmou com um aceno de cabeça.

---

<sup>1</sup> O autor refere-se à detenção de polícias dinamarqueses pelas tropas invasoras nazis e o seu «internamento» em campos de concentração. A data, 19 de setembro de 1944, é ainda hoje comemorada. (N.T.)

— Sim. Tivemos de trazer as nossas coisas cá para cima. E claro que não estamos lá muito confortáveis nesta sala. Mas arranjámos uma cadeira muito chique para ti — comentou, como se isso servisse de consolo. — Ah, sim, e somos só nós os dois. A Rose não tem vontade de estar aqui em cima, por isso tirou um fim de semana prolongado. Mas ainda hoje aparece por cá.

Mais valia terem-lhe dado um pontapé nas partes baixas.